

DAS MEMÓRIAS BORDADAS À CAPITAL MINEIRA DA LOUCURA✓

61

Luiz Fernando Ribeiro da SILVA¹
Carlos Eduardo GONZAGA²

✓ Artigo recebido em 21 de fevereiro de 2017 e aprovado em 30 de março de 2017.

¹ Mestre em Letras pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CESJF). Especialista em Moda, Cultura da Moda e Arte pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Professor da Universidade Federal de Juiz de Fora, no curso Bacharelado em Moda e do curso de Especialização em Moda, Cultura de Moda e Arte. Professor do curso de Tecnologia em Design de Moda do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora. E-mail: <luiferribeiro@ig.com.br>

² Formado em Design de Moda pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora. E-mail: <eduardo.gonzaga.05@facebook.com>

DAS MEMÓRIAS BORDADAS À CAPITAL MINEIRA DA LOUCURA

RESUMO

Esta pesquisa é resultado de um projeto experimental científico apresentado ao curso Tecnológico Superior em Design de Moda, tendo como finalidade a criação de uma coleção de roupas femininas a partir das temáticas: Hospital Colônia de Barbacena – HCB e bordado artesanal mineiro. Ao longo do século XX a instituição foi pioneira no tratamento de doenças mentais, abrigando grande contingente de internos vindos de todo país, o que resultou em superlotação, maus tratos e comércio de corpos. Tudo isso respaldado numa negligência política e social, que por sua vez, à cidade mineira restou o título de Capital da Loucura. Nas demais cidades de Minas, desde o período colonial a prática do bordado está enraizada na cultura local. Já as técnicas tradicionais de bordado são passadas entre gerações e reinterpretadas sob olhares contemporâneos. Ao longo do trabalho serão expostos elementos que caracterizam os trabalhos manuais realizados pelas bordadeiras mineiras. Também serão pautados os procedimentos realizados para o controle da loucura, bem como a rotina dos internos. No entrelaçar dos temas destaca-se a iniciativa de inserir o bordado artesanal junto ao tratamento psiquiátrico, por meio da terapia ocupacional.

Palavras-chave: Hospital Colônia de Barbacena. Design de Moda. Bordado Mineiro.

THE CAPITAL OF MINAS GERAIS EMBROIDERED MEMORIES OF MADNESS

ABSTRACT

This research results from an experimental scientific project presented at the graduation on fashion design that aims to create a feminine apparel collection based on the thematic: The Hospital Colony of Barbacena – (HCB) and the handmade embroidery of Minas Gerais. During the 20th century this institution was a pioneer in the treatment of mental diseases, housing large contingent of 'patients' from all over the country resulting in overcrowding, punishment, and the trade of bodies. All this was provoked by social policies of neglect but despite this, this city of Minas Gerais was given the title of the capital of madness. In other cities of Minas Gerais ever since the colonial period the practice of embroidery was deeply rooted in the culture of Minas Gerais. The traditional techniques of embroidery were passed between generations and reinterpreted in the light of contemporary views. During the study the elements that characterize the manual work performed by embroideries will be shown. The procedures was used to control the states of madness and to integrate the routine of the hospital showing how. So in the interweaving of the themes, it highlights the initiative of inserting the exercise of handmade embroidery into psychiatric treatment as a form of occupational therapy.

Keywords: Hospital Colony of Barbacena. Fashion Design. Embroidery of Minas Gerais.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo é fruto do desenvolvimento de uma coleção de vestuário feminino e acessórios com as temáticas: Hospital Colônia de Barbacena - HCB e bordado artesanal mineiro, e é parte integrante do trabalho de conclusão do Curso Tecnólogo Superior em Design de Moda do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora – CES/JF. A temática é composta seguindo o método de interseção que é proposto para o desenvolvimento de projetos de design, formado pela pesquisa teórica e de tendências composta por: cores, tecidos, silhuetas, estampas e bordados, bem como planilhas de custos e fichas técnicas dos produtos desenvolvidos para a coleção.

Com o objetivo de ressaltar a terapia ocupacional, realiza-se uma ligação entre o bordado artesanal mineiro aos métodos atuais de tratamento de doenças mentais, diferentes dos que eram aplicados no Hospital Colônia de Barbacena, como por exemplo: cárcere, eletrochoques e lobotomização. Também relataremos as medidas tomadas pelos administradores referentes aos óbitos ocorridos na instituição, que alimentou por décadas o comércio de corpos, fornecendo peças anatômicas para algumas faculdades de Medicina do país.

A pesquisa também apresenta uma breve definição do bordado artesanal, em seguida se volta para as particularidades dos trabalhos realizados pelas bordadeiras mineiras no Brasil Colônia, onde a identidade do bordado realizado em Minas Gerais será estudada sobre as margens dos primeiros sinais de artesanato nacional, destacando a vida, rotina e lazer da mulher mineira durante o período colonial brasileiro até a atualidade.

2 HOSPITAL COLÔNIA DE BARBACENA - HCB

A primeira concepção de loucura no Brasil ocorreu durante o período Colonial, entre os séculos XVII e XIX, constata Borges (2011). No início do período, o indivíduo que esboçasse qualquer sinal de irregularidade comportamental tinha como destino perambular pelas ruas, sendo considerado mendigo, ou seja, aquele que vive sem casa e sem trabalho, pedindo esmolas. O país não tinha opções de

tratamentos para os loucos, a não ser ignorar a sua existência, mas, caso apresentassem qualquer ameaça à sociedade, eram presos ou encaminhados para as Santas Casas de Misericórdia. Já as famílias com melhores condições financeiras, até a construção do primeiro manicômio nacional, cuidavam de seus familiares considerados loucos, em seus lares, estes enviados para se tratarem na Europa, como aponta Orsi (2013). Abaixo podemos constatar sobre a criação dos primeiros espaços manicomiais no Brasil:

64

A atenção específica ao doente mental no Brasil teve início com a chegada da Família Real. Em virtude das várias mudanças sociais e econômicas ocorridas e para que se pudesse ordenar o crescimento das cidades e das populações fez-se necessário o uso de medidas de controle, entre essas, a criação de um espaço que recolhesse das ruas aqueles que ameaçavam a paz e a ordem social. Posteriormente em 1852, é criado o primeiro hospício brasileiro (SILVEIRA; BRAGA, 2005, p. 594).

Fundado em 1852, o Hospital Pedro II na cidade do Rio de Janeiro, capital da República, foi a primeira instituição criada no país pelo monarca D. Pedro II com a finalidade de recolher pessoas que apresentavam sinais de doenças mentais. Passados cinquenta anos, “no dia 12 de outubro de 1903 foi criada a Assistência aos Alienados do Estado de Minas Gerais na cidade de Barbacena” (ORSI, 2013, p. 02), tendo seu nome inicial substituído para Hospital Colônia de Barbacena (HCB), denominado desta forma por implantar oficinas agrícolas dentro de suas propriedades. A construção do HCB foi considerada um prêmio de consolação para Barbacena, pois a cidade havia perdido para Belo Horizonte a disputa para ser capital de Minas Gerais, atendendo, desta forma, a interesses políticos.

Conforme expõe o documentário **Em nome da razão** (1956), o manicômio era destino certo de toda a escória que existia na sociedade, que desde o início do século XX não tinha critérios médicos ou diagnósticos para indicar a internação, e estima-se que 70% dos enviados ao HCB não sofriam de doenças mentais, sendo assim destino para desafetos, homossexuais, militantes políticos, mães solteiras, alcoólatras, mendigos, negros, pobres e todos os tipos de indesejados que fugiam dos padrões de normalidade estipulado pela sociedade.

Grande parte dos internos veio das mais diversas regiões do Brasil, e chegava de trem à cidade. Arbex aponta que “muitos nem sequer sabiam em que cidade tinham desembarcado, ou mesmo o motivo pelo qual foram despachados para aquele lugar” (2013, p. 25), e por esse motivo originou-se a expressão mineira trem de doido, criado pelo escritor Guimarães Rosa, em 1962, no conto **Sorôco, sua mãe, sua filha**, o autor ainda aponta que este trem era o único no país que fazia viagem sem volta.

Ao chegarem à capital brasileira da loucura, os indesejados tinham seus documentos e pertences recolhidos, perdendo literalmente a sua cidadania, o direito de ir e vir, e logo rebatizados pelos funcionários do hospital por nomes, números ou apelidos. Os homens tinham as cabeças raspadas e, em seguida, eram separados por idade e características físicas. Ao se despojarem de suas roupas, algumas mulheres enfrentavam a humilhação de ficarem nuas em público e, após um banho, recebiam uniformes de modelagem simples, confeccionados em brim, tecido similar ao jeans, que foi popularizado no Colônia como azulão, devido ao tom de azul forte, mas que não eram capazes de protegê-los das baixas temperaturas da região (ARBEX, 2013). A maioria dos internos possuía apenas um único uniforme, e muitos tinham que se despir de suas vestes para que estas fossem lavadas; a nudez nem sempre era uma opção.

Inicialmente o lugar havia sido projetado para atender a 200 pessoas, entretanto, atingiu em 1930 a marca de cinco mil pacientes, onde foram criadas medidas internas para conter a superlotação. As camas foram substituídas por capim, denominadas Modelo de Leito Chão, pois comportava desta maneira um número maior de internos por pavilhões, que devido ao sucesso da substituição foi considerado um método eficaz, e em 1959, recomendado pelo Poder Público a outras instituições psiquiátricas. Logo nos pavilhões, segundo entendimento de Arbex (2013), ao invés de camas, montes de capins onde seres humanos rastejavam esqueléticos, junto a ratos e insetos, na sua maioria nus. Na Figura 01, podemos observar o interior de um dos pavilhões:

FIGURA 01 – Interior de um dos pavilhões com camas denominadas Modelo de Leito Chão



Fonte: Disponível em: <<http://www.pinterest.com/pin504473595736075519>>. Acesso em: 27 jul. 2015.

Apesar de nem todos internos serem diagnosticados com doenças mentais, ao serem condenados a viver em meio a tanta precariedade, sendo violados fisicamente e moralmente, com o passar dos anos perdiam o controle de seus atos, chegando a beber da própria urina, como podemos constatar a seguir:

Fome e sede eram sensações permanentes no local onde o esgoto que cortava os pavilhões era fonte de água. Nem todos tinham estômago para se alimentarem de bichos, mas os anos no Colônia consumiam os últimos vestígios de humanidade (ARBEX, 2013, p. 42).

Segundo Arbex, nas propriedades do HCB também foi erguida a capela de Nossa Senhora das Graças, entretanto os pacientes do hospital não podiam participar das missas, pois eram proibidos de pisar na igreja (ARBEX, 2013).

Para conter o indivíduo em crise nervosa eram aplicados métodos de controle como o cárcere em “celas individuais, onde o doente mental ficava isolado do convívio intro-institucional por dias ou meses. Na cela também poderia o interno permanecer com a camisa-de-força” (DUARTE, 2009, p.57), peça confeccionada de lona que prendia os movimentos dos membros superiores do interno. E ainda, conforme Borges (2011), o tratamento por meio de eletrochoques, criado no final da década de 1930, era um dos métodos mais comuns aplicados no HCB em sessões

diárias, não com finalidades terapêuticas, mas sim na tentativa de controle da loucura, intimidação e tortura.

Ainda sobre o tratamento de choque, o paciente era amarrado pelas mãos e pés, na boca eram colocadas borrachas para que não mordessem a língua durante a descarga elétrica, que “às vezes, a energia elétrica da cidade não era suficiente para aguentar a carga. Muitos morriam, outros sofriam fraturas graves, o procedimento era realizado por funcionários nem sempre capacitados”, como relata Arbex (2013, p.31). A política interna do hospital estabelecia que para haver promoção profissional, os empregados deveriam passar por todas as etapas do controle aos impulsos nervosos dos pacientes, desde a medicação até o eletrochoque.

Conforme Orsi (2013), outra prática adotada no hospital era o da lobotomia, intervenção cirúrgica no cérebro onde ocorre a abertura de orifícios na parte sagital do crânio, para seccionar as fibras nervosas dessa região que ligam os lobos frontais ao tálamo, e que segundo Arbex “o objetivo era conter a agressividade e fazer os surtos cessarem, muitos pacientes passaram a vegetar depois da cirurgia” (2013, p.80). Toda essa barbárie que ocorreu no HCB revela o total domínio do hospital sobre as vidas dos pacientes. Explicações ou detalhamentos sobre os procedimentos eram forjados nos laudos médicos, com informações vagas e superficiais a respeito do que se passava com os internos.

No hospício de Barbacena pessoas perdiam vidas, e por sua vez, outras ali nasciam, pois algumas pacientes eram internadas por terem engravidado antes do casamento, e para não envergonharem as famílias eram enviadas ao HCB, outras chegavam grávidas de seus patrões, que delas abusavam. Por sua vez, dentro da instituição algumas engravidavam devido a relacionamentos com outros internos ou vítimas de violência sexual. As crianças podiam ficar com suas mães durante o período de amamentação, mas logo eram separadas e encaminhadas para adoção. Para Arbex (2013) as crianças não adotadas viviam no hospital e recebiam o mesmo tratamento dado aos adultos, sendo obrigadas inclusive a conviver no meio deles, expostas a todos os riscos e sujeitas a todo tipo de metodologia médica como choques, cárceres, maus tratos e até cirurgias.

Homens e mulheres sofriam todos os tipos de castigos; muitas destas punições eram fatais, como também era o resultado de alguns tratamentos ambulatoriais. Mortes que eram bem-vindas e vistas pelos administradores do hospital, as vítimas do descaso social só davam lucro estando mortas, pois seus cadáveres eram vendidos pela instituição às universidades, “entre 1969 e 1980, 1.853 corpos de pacientes do manicômio foram vendidos para dezessete faculdades de medicina no país”, constata Arbex (2013, p. 14).

Na década de 1970, o HCB supriu a indústria de venda de cadáveres, fornecendo dezesseis corpos em média por dia, em períodos de maior lotação, aos cursos de Medicina. Houve o momento em que o mercado de corpos tinha saturado, e na tentativa de tornar seus mortos lucrativos, os funcionários do HCB os decompunham em ácido, para que a ossada pudesse ser comercializada. No Colônia “nada se perdia, exceto a vida”, relata Arbex (2013, p. 13), e todo esse cenário de horror tinha como plateia os próprios internos, que presenciavam seus colegas de cárcere sendo protagonistas deste ato: os mortos eram manipulados no pátio, sem respeito ou pudor.

O comércio da morte só se encerrou na década de 1980, quando o hospital estava sobre a direção do psiquiatra Dr. Jairo Toledo. Finalizado o período de comercialização dos corpos, uma das obrigações dos internos era a de ter que recolher corpos dos pacientes falecidos na noite anterior e colocá-los em uma carroça de madeira. A viagem fúnebre só terminava no Cemitério da Paz, que com uma área de oito mil metros quadrados localizado próximo ao HCB, era o local destinado para enterrar os corpos dos indesejados. Atualmente desativado, o espaço guarda os 60 mil mortos do massacre e vem sofrendo com a ação do tempo e do descaso das autoridades, tendo seus túmulos depredados por vandalismo.

Atualmente, a memória do HCB está exposta em um museu, fundado em 1996, e que segundo Orsi (2013), é um dos pioneiros no Brasil ao abordar a temática da loucura, que em sua história guarda anos de dor e sofrimento, e por ser considerado até hoje, o maior manicômio brasileiro. Nas palavras de Borges, verificamos os tipos de materiais que compõe o acervo do memorial:

[...] exhibe bonecas de pano confeccionadas por internas da própria colônia, as quais recebiam um adorno bem característico de seu cotidiano, as algemas usadas para conter os internos agitados, ressignificadas como pulseiras a enfeitar tais brinquedos. Neste mesmo sentido, chama atenção uma vitrine com várias notas de dinheiro e moedas de diferentes épocas, permitindo pensar que o ato de guardar dinheiro significava que ainda existia a esperança de sair da instituição, de ter onde gastar (BORGES, 2011, p. 5).

Na próxima seção abordaremos o bordado artesanal mineiro, destacando sua origem e evidenciando as características regionais do ofício manual que, no HCB, foi implantado como método terapêutico na década de 1990, contribuindo no tratamento psiquiátrico dos pacientes por meio da terapia ocupacional.

3 BORDADO ARTESANAL MINEIRO: DO BRASIL COLÔNIA À CIDADE DE BARBACENA

O bordado é uma atividade de caráter estético e que, conforme Braga (2015), provavelmente tenha surgido no Oriente e se disseminado em todos os continentes, havendo registros da prática nas mais antigas civilizações da Terra, como: Mesopotâmia, Egito, Grécia e Roma. Porém, foi na Europa, especificamente na França, durante o século XVIII, que a arte do bordado foi desenvolvida com maior precisão e técnica, estando presente nas vestimentas de monarcas e religiosos do período Barroco e Rococó, sendo desde então símbolo de tradição, como se constata a seguir:

Do campo para a sociedade urbana; das roupas folclóricas à moda; do artesanato modesto ao alto luxo; do simbólico à pura ornamentação; do manual às sofisticadas máquinas de bordar; dos mais simples fios e linhas às pedrarias e outros elementos; de passatempo ao ofício profissional; de forma terapêutica à manutenção da memória social; a “pintura de agulha” – como também é chamado o bordado – esteve, está e estará presente em processos culturais do Oriente ao Ocidente, de Norte a Sul (BRAGA, 2015, p. 66).

Conforme Edwards (2012), o bordado artesanal é um processo de beneficiamento têxtil, que engloba inúmeras técnicas. “Diz a tradição popular: quem conta um conto aumenta um ponto, ou seja, soma seu ponto de vista à narrativa que

faz. E ponto, tomado nesse sentido, sugere ação, movimento, um passo adiante, um elo a mais...” (SEBRAE, 2006, p. 150). Portanto, o ponto é a essência da arte de bordar, que representa a alma da criação. Abaixo as etapas que compõem o bordado:

O bordado é criado a partir de um processo complexo e detalhado repleto de etapas e especificidades. Há vários passos que compõem esse feito: o objetivo da peça, a escolha do tecido e das linhas, as formas e os pontos a serem bordados, o ato de cobrir o desenho, a lavagem e a secagem até a venda do produto, quando ele é entregue ao consumidor (ALMEIDA, 2013, p. 89).

70

No Brasil, os primeiros sinais de artesanato foram percebidos na cultura indígena, revelando em suas obras todo o folclore, costumes, tradições e características de suas histórias (ANTUNES, 2011). Entretanto as técnicas de bordado e manuseio de linhas e agulhas vieram da Europa, e aqui foram adaptadas e reinventadas, trazidas pelas mulheres estrangeiras no período da colonização.

Segundo Antunes (2011), foi no século XVIII, durante o período colonial brasileiro, que os colonos mineiros já utilizavam as mãos para confeccionar peças decorativas e utilitárias, iniciando dessa forma os primeiros sinais de uma identidade de artesanato regional. No entanto, as famílias mineiras no período do Brasil Colônia tinham como legado guardar em baús colchas, lençóis, toalhas e almofadas, peças que eram consideradas de fino trato, pois eram bordadas habilidosamente pelas mulheres da casa. Essas roupas de cama e mesa eram usadas em ocasiões especiais ou serviam de enxoval no momento do casamento das filhas (SEBRAE, 2006).

O trabalho artesanal em Minas Gerais se aflorou devido à cobrança de altos impostos pagos à corte portuguesa. Apesar da extração do ouro em Minas no período colonial, a pobreza prevalecia na região, levando as mulheres a criarem formas artesanais de se enfeitarem e decorarem suas casas. Um fenômeno curioso citado por Antunes (2011) revela um contraste peculiar nas relações estabelecidas entre mulheres ricas e mulheres pobres da época, pois as de maior poder aquisitivo compravam as peças artesanais de famílias com poucos recursos.

O SEBRAE (2006), Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas, órgão que tem a finalidade de oferecer apoio aos pequenos negócios de todo o país por meio da capacitação e orientação profissional, informa ainda que a história do bordado em Minas Gerais é contada às margens do conservadorismo das famílias mineiras e na intimidade de seus lares, transmitindo sinais restritos da história em objetos e peças que esboçam rastros de um mundo privado, que foram impostos até o final da década de 1910.

Nesse período o trabalho doméstico definia a posição da mulher mineira perante a sociedade, pois a casa, os filhos e os cuidados com os afazeres domésticos eram prioridades, fato este que também era comum às donas de casa em outras regiões do país e civilizações onde as mulheres desempenhavam papéis semelhantes perante suas famílias, e por isso não se sabe e nem se pode dizer com clareza o que poderia ser lazer ou obrigação mediante a condição feminina.

Atualmente, segundo Antunes “o artesanato brasileiro é um dos mais ricos do mundo e garante o sustento de muitas famílias e comunidades” (2011, p. 4). Em Minas Gerais, é tradição a prática do bordado manual e, historicamente, trata-se de uma linhagem de conhecimentos que são passados de geração em geração, preservando técnicas e difundindo a cultura local. Linke (2010) aponta que a maior parte dos trabalhos desenvolvidos artesanalmente no estado é formada por peças de roupas, cama, mesa, banho, bijuterias e objetos decorativos.

Assim, para Antunes (2010), o bordado mineiro é um exemplo de expressão de regionalidade, que está aliado à moda e juntamente com suas tendências como: cores, design de superfície têxtil, tecidos e silhuetas, demonstram grande relevância para a economia de uma maneira geral. Logo, mesmo que uma de suas características esteja ligada ao conservadorismo, o bordado consegue se interligar à moda, que é de caráter transitório, por intermédio de linhas de harmonia entre o tradicional e o contemporâneo.

O bordado de Minas tem atendido as mais variadas demandas da moda de um modo geral, podendo ser classificado, segundo Antunes (2011), como um jeito de viver. O estilo mineiro é valorizado no país e se adapta às tendências da moda nacional. No entanto, hoje em dia, este tipo de bordado passa por um processo de

amadurecimento, através do qual se percebe a preocupação em firmar uma identidade própria das técnicas tradicionais aqui desenvolvidas.

Apesar do grande reconhecimento que o bordado manual mineiro vem recebendo no universo da moda nacional, a valorização das peças em termos financeiros ainda não condiz com o tempo gasto na confecção, pois o trabalho feito à mão requer tempo, destreza e dedicação, mas são vendidos a preços irrisórios se comparados ao lucro obtido na sua comercialização. De acordo com Antunes (2011), o trabalho artesanal atualmente vem sendo valorizado e começou a atingir um novo patamar, distante do entendimento inicial que havia sobre ele, onde era caracterizado como produto desenvolvido a partir de restrições financeiras e conhecimentos técnicos. Hoje em dia, o bordado de Minas adquiriu status de luxo e inclusive abrangendo a moda internacional, como podemos constatar:

O artesanato mineiro buscou e conseguiu seu espaço como uma tendência no mundo da moda e não perdeu sua identidade, que é a mensagem do regionalismo mineiro transmitido através das peças e objetos confeccionados. A tradicionalidade das peças leva um pouco da história do estado para o restante do mundo, mostrando que é possível unir o que é produzido por artesãos ao luxo dos desfiles de grifes (ANTUNES, 2011, p.15).

Há que se ressaltar que podemos perceber características particulares nos variados tipos de artesanatos produzidos nas diversas regiões do estado, sendo mais eminentes nas cidades que registram importantes fatos históricos e com grandes potenciais turísticos, como esclarece Antunes:

Tiradentes trabalha com *biscuit* para confecção de acessórios e couro que é usado para fazer detalhes de roupas e colares; Ouro Preto optou por produzir bordados e aplicações de renda em roupas; Sabará confecciona acessórios com capim dourado; Congonhas utiliza flores de palha para detalhes em roupas, crochê e bordados em geral; em São João Del Rei é muito rico o trabalho feito com tricô pelas bordadeiras da cidade; no vale do Jequitinhonha existem artesãos que trabalham com cerâmica e palha e bananeira, dentro das comunidades de Coqueiro do Campo, com tais matérias-primas são confeccionados detalhes para roupas e acessórios como colares e pulseiras (ANTUNES, 2011, p. 07).

Como muito bem esclarece Antunes: “A confecção de artesanato mineiro é uma grande fonte de trabalho e geração de renda na maioria dos 853 municípios existentes do estado de Minas Gerais” (2011, p.10), e conseqüentemente todo retorno financeiro e reconhecimento pessoal obtido sobre este tipo de arte estimula o artesão a apostar no mercado internacional, possibilitando a conquista de novos mercados e de uma maior valorização dos produtos de moda brasileira no exterior.

Fatores geográficos, sociais e religiosos contribuirão para a construção da identidade da moda artesanal mineira. Toda vivência e cultura da bordadeira é canalizada na sua criação, e isto faz com que coloquem em seus trabalhos suas experiências e memórias, fazendo com que essas lembranças, ao se transformarem em bordados, valorizem os produtos, agregando desta maneira valores e conotações artísticas, e ainda, preservando a história da arte manual, tornando-se exclusiva e única. Nas palavras de Braga, sobre a valorização do artesanato no mercado de luxo, constata-se que:

É o trabalho feito à mão. O artesanato do luxo é, obviamente, um artesanato com alto valor cultural agregado. É a valorização de algo manufaturado que se perdeu no processo de mecanização e industrialização e que passou a ser atributo de valor agregado e conseqüente valor reconhecido. É o trabalho que traz um diferencial, uma espécie de aura para aquele objeto produzido manualmente e com exclusividade, uma valia especial adquirida pelo domínio técnico e pelo entusiasmo de quem o executa (BRAGA, 2015, p.103).

A cidade mineira denominada Barbacena, que também é conhecida como Cidade das Rosas devido ao cultivo de diversas espécies de rosas e flores ornamentais como base de sua economia, urbanizou-se em uma região mineradora no início do século XVIII. Segundo o SEBRAE (2006), com o crescimento da cidade surgiram as primeiras famílias tradicionais que difundiram a prática do bordado, que há mais de trezentos anos revela modos de fazer artesanato, e que até hoje se encontram enraizados na comunidade, que tem como principal intérprete as mulheres que se preocupam em preservar as técnicas de diferentes naturezas e materiais na memória afetiva, quer por *hobby* ou para complementar a renda familiar.

Os coloridos bordados barbacenenses remetem às histórias locais e às paisagens tipicamente mineiras, onde a vida no campo é representada por desenhos de casas, montanhas, pôr-do-sol, nuvens, estradas, árvores, animais e flores onde se destacam as rosas, copos-de-leite, margaridas e crisântemos (SEBRAE, 2006), que são elementos predominantes no imaginário das bordadeiras.

Em 2005, o SEBRAE/MG, na tentativa de um resgate cultural comunitário, por meio da iniciativa **Projeto Resgate Cultural da Estrada Real**, tinha como objetivo incentivar a valorização do patrimônio cultural mineiro, nos quais se destacam o artesanato, a arquitetura e a culinária típica. A instituição patrocinou e promoveu em Barbacena, no ateliê **Euquefiz**, o encontro de bordadeiras sobre modos tradicionais de bordar, resgatando assim, durante as aulas, técnicas de bordados antigos, ministradas pela artesã barbacenense Maria Madalena Pedrosa Tavares (SEBRAE, 2006). Portanto, devido a essa iniciativa, a relação entre passado e presente se estreita em um processo dinâmico e transformador, e ainda promove a memória do bordado local, reafirmando o ofício como expressão de identidade.

Dentro do desenvolvimento do bordado, a escolha do ponto a ser aplicado na peça influencia diretamente no resultado final. Para a realização do mesmo, se destacam nos bordados de Barbacena os seguintes pontos de preenchimento para cobrir desenhos de flores e folhas nos trabalhos do ateliê **Euquefiz** de Maria Madalena: ponto cheio, ponto matiz, ponto corrente, ponto caseado, ponto aresta e o ponto haste, o qual podemos observar na Figura 02, com a finalidade de criar efeitos de contorno e relevos na superfície do tecido:

FIGURA 02 – Bordado floral de Barbacena com o ponto haste



Fonte: SEBRAE (2006, p. 151).

No norte de Minas Gerais, em Pirapora, está localizado o Instituto de Promoção Cultural Antônio Diniz Dumont (Icad), instituição criada pelo grupo Matizes Dumont. Trata-se de uma família que trabalha com criação de bordados com diversas finalidades, sendo que o Icad contribui diretamente na preservação das técnicas tradicionais de bordado mineiro, que tem como característica retratar o cotidiano da população. As artesãs da família Diniz Dumont trabalham a relação do Rio São Francisco com a vida dos moradores; desta forma, as bordadeiras criaram um estilo de bordar que retratam lendas e festas de diferentes modos, que relacionam o rio e as comunidades ribeirinhas, como ressalta Linke e Velho (2010).

Borges (2011) aponta que o instituto visa disseminar a cultura do bordado artesanal mineiro como fonte de renda, treinando moradores locais, fazendo com que, dessa forma, novas gerações conheçam este ofício, preservando-o e assim o renovando. O trabalho autoral desenvolvido pelos Matizes Dumont sugere o estreitamento na relação entre arte e artesanato, usando-o como ferramenta híbrida do grupo levando-o a outras frentes de atuação, como por exemplo, a edição de livros com ilustrações bordadas, como se constata abaixo, nas palavras de Borges:

Paradoxalmente, a intenção de aumentar os padrões de qualidade e o esmero dos artesãos na elaboração dos objetos passa por incentivá-los a errar. 'Nós evitamos o ponto cruz, que tem uma rígida geometria, para

estimular as bordadeiras a experimentar novos pontos e se soltar' afirma Sávio Dumont. 'Dizemos a elas para bordarem os seus sonhos, incentivando-as a serem autoras dos seus desenhos' (BORGES, 2011, p. 74).

Outro grupo que se destaca em Minas pelo trabalho é o **Linha do Horizonte**, integrantes do programa de **Talentos do Brasil Moda**, criado em 2005. O projeto é uma iniciativa do Ministério do Desenvolvimento Agrário, por meio da Secretaria da Agricultura Familiar e desenvolve bordados de linhas, pedras, crochês e trançados, e ainda elaboram trabalhos sustentáveis, como a utilização do bagaço da cana de açúcar utilizado na confecção de bijuterias como colares e pulseiras, portanto, esta iniciativa já colhe frutos internacionais, tendo trabalhos expostos na França (ANTUNES, 2011).

O surgimento de cooperativas e grupos de bordados em Minas Gerais, trouxeram aos dias atuais, uma nova forma de produção artesanal, denominada bordado coletivo, que se desenvolve mais rápido quando realizado em grupo, pois em geral, são técnicas variadas, e a troca de experiências contribui diretamente para o desenvolvimento individual e coletivo (LINKE; VELHO, 2010).

No desenvolvimento da pesquisa, os temas selecionados em um primeiro momento se opõem, mas encontram na terapia ocupacional elementos que os interligam, ou seja, o bordado inserido no tratamento de deficientes mentais, ressaltando os parâmetros médicos que por intermédio da arte consolida a atividade como eficaz e recomendada pelos profissionais da saúde.

Em 1946 a Doutora Nise da Silveira, médica psicanalista, pioneira na luta antimanicomial no Brasil, fundou no Centro Psiquiátrico Pedro II, a Seção de Terapia Ocupacional na cidade do Rio de Janeiro, tornando-se referência em psiquiatria. Por meio da arteterapia Nise da Silveira desenvolveu relações afetivas com seus pacientes, fornecendo a eles matérias-primas para que pudessem se expressar através de atividades terapêuticas. As tarefas lúdicas levaram-na a descobrir que a arte serve de estímulo para a comunicação não verbal. Nas palavras de Bravo, "ali os internos dão forma aquilo que emerge de suas recordações, dramas, conflitos e medos. E o que produzem apontam caminhos reveladores" (20--, p. 03). A seguir, no relato a baixo, constatamos que:

A Terapia Ocupacional tem como meta melhorar a qualidade do desempenho de um indivíduo, seja na questão física, mental ou social. Ao se utilizar a atividade como uma ferramenta na intervenção é necessário lembrar que essa atividade só significará algo se contextualizada na realidade, ou seja, na cultura do paciente (CESÁRIO; TEIXEIRA, 2004, p. 933).

Conforme as autoras citadas anteriormente, entende-se que atualmente na terapia ocupacional existem diferentes definições de atividades direcionadas ao tratamento psiquiátrico, podendo ser lúdica, artística, artesanal, entre outras. Cada método representa uma específica significância no tratamento do indivíduo, beneficiando-o por meio de estímulos ao uso da imaginação, criatividade e raciocínio, que também enfatiza o resgate da identidade pessoal de cada um, aflorando sentimentos e percepções. “Sabemos que todas as pessoas são portadoras de dificuldades em maior ou menor grau. Da mesma forma todas as pessoas são portadoras de aptidões, dons, talentos e habilidades variadas” (CANIGLIA, 2008, p. 08).

Desta forma, podemos constatar que a terapia ocupacional defende e incentiva as habilidades individuais, estimulando a criatividade de cada pessoa. “Para Nise, o ato de expressão por meio de atividades manuais deveria ser acompanhado de uma fundamentação teórica para que pudesse traduzir-se numa terapêutica ocupacional legítima” (GOUVÊA, 2012, p. 27).

Assim como os pacientes se expressavam por meio dos bordados, as artesãs de Minas Gerais se apropriam do cenário à sua volta para criarem suas peças, que abordam diversas temáticas ilustradas nos bordados, como a arquitetura sacra, as memórias guardadas e a fauna e flora local.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto de pesquisa realizado para a conclusão do curso Tecnológico Superior em Design de Moda, do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, sob a linha de pesquisa Roupas-Memória, resultou na criação de uma coleção composta por vinte looks distribuídos em cinco famílias, sendo confeccionados para o XIII

Desfile Sonhos & Devaneios, um modelo de cada família. As criações foram desenvolvidas embasadas na pesquisa sobre o Hospital Colônia de Barbacena (HCB) e o bordado artesanal mineiro.

Para a construção da coleção, elementos intangíveis dos temas foram absorvidos e materializados em vestidos e acessórios, os quais simbolizam a dramaticidade e arte observado no caos do Hospital Colônia e na identidade dos bordados mineiros, que são retratados por meio de profusões de cores, texturas e formas, representadas em uma atmosfera caótica e poética.

Ao desenvolver a pesquisa sobre o HCB, ressalta-se a forma como a sociedade e as autoridades brasileiras do século XX, lidaram com aqueles considerados doentes mentais. A falta de conhecimento e precariedade médica fez com que a sociedade desenvolvesse repúdio, medo e preconceito sobre as pessoas que não se enquadravam em um padrão de normalidade, inclusive, muitos foram banidos do convívio social.

O Hospital Colônia recebeu pacientes de todo o país, com os mais diversos tipos de diagnósticos, sendo considerado ao longo de sua história o maior manicômio do Brasil, mas o que realmente chama a atenção são as marcas de uma tragédia; o HCB guarda anos de torturas, maus tratos e mortes. Aqueles que foram internados em Barbacena foram sentenciados a morrerem em vida, e a cidade que tem como base de sua economia a produção de flores e rosas ornamentais, não possui pleno conhecimento de que a mesma terra que germina sua flora guarda os corpos de um massacre mineiro.

A história do bordado artesanal mineiro, também foi contada às margens das tradições de cada região, pois no século XVIII o artesanato desenvolvido em Minas Gerais era uma tarefa doméstica, mas que devido à precariedade de recursos financeiros e materiais no período colonial fez com que se iniciasse a comercialização de peças artesanais. Dessa forma se iniciou a disseminação do ofício manual. As bordadeiras mineiras desde então se apropriam de elementos a sua volta para criarem bordados, que guardam e preservam técnicas tradicionais mineiras.

Ao utilizar pontos de bordados desenvolvidos em Minas Gerais, para o beneficiamento das peças da coleção, Figura 03, percebe-se a necessidade de

preservação desde ofício, que atualmente vem sendo apropriado pela moda mineira e nacional, em parcerias com cooperativas e projetos sociais, aos quais contribuem para o resgate da memória mineira, valorizando nossa arte e gerando recursos financeiros.

FIGURA 03 – Coleção Averso Mineiro



Fonte: Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/DesignDeModaCesjf/page_internal> .
Acesso em: 21 fev.2017.

Ao interceder os temas, concluímos que, o bordado inserido no tratamento psiquiátrico por meio da Terapia Ocupacional pode contribuir diretamente no desenvolvido do paciente, pois este tipo de expressão artística pode fornecer indícios para que possamos conhecer o indivíduo e sua história. A intenção desse projeto não foi só expor o passado e as tradições regionais, mas sim, aprender, aplicar e evoluir com nossas raízes, como o que foi feito na coleção de moda Outono/Inverno 2016, denominada **Averso Mineiro**.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ana Julia. **Design e artesanato**: a experiência das bordadeiras de passira com a moda nacional. 2013. 166 f. Dissertação (Mestrado em Têxtil e Moda) - Escola de Artes Ciências e Humanidade, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

ANTUNES, Kelle Cândida. **O artesanato mineiro dentro da moda**. Escola de Design (Campus Prado). Belo Horizonte: Faculdade Estácio de Sá, 2011.

ARBEX, Daniela. **Holocausto Brasileiro**. São Paulo: Geração Editorial, 2013.

BORGES, Adélia. **Design + Artesanato**: o caminho brasileiro. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.

BRAGA, João. **Tenho Dito**: histórias e reflexões de moda. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2015.

BRAVO, Nelson. **Retrato de Nise da Silveira**. [S. l. : s. n.], [20--].

BORGES, Viviane Trindade. “A nossa sociedade produziu esse tipo de instituição”: a reforma psiquiátrica e a constituição de lugares de memória e de resistência. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA CULTURAL – ESCRITAS DA HISTÓRIA: Ver – Sentir – Narrar, 6., 2011. Teresina. **Anais...** Teresina: Universidade Federal do Piauí, 2011.p. 1 – 9.

CANIGLIA, Marília. **Direitos Humanos, Diversidade e Inclusão Social** - o olhar da Terapia Ocupacional. Belo Horizonte: Núcleo de Estudos de Terapia Ocupacional do Centro-Oeste Mineiro – NETOCOM, 2008.

CESÁRIO, Rafaela de Souza; TEIXEIRA, Beatriz de Carvalho. Terapia Ocupacional: reflexões sobre cultura e sua importância na abordagem terapêutica. In: ENCONTRO LATÍNO AMERICANO e ENCONTRO LATINO AMERICANO DE PÓS-GRADUAÇÃO, 10., 6., 2004. São José dos Campos. **Anais...** São José dos Campos: Universidade do Vale do Paraíba – UNIVAP, 2004. p. 930 – 933.

DUARTE, Maristela Nascimento. **De “Ares e Luzes” a “Inferno Humano”**. 2009. 273 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

EDWARDS, Clive. **Como compreender design têxtil**: guia para entender estampas e padronagens. Tradução: Luciana Guimarães. São Paulo: Senac São Paulo, 2012.

EM nome da razão. Direção: Helvécio Ratton. Produção: Tarcísio Vidigal. Grupo Modo de Cinema e Associação Mineira de Saúde Mental. Barbacena, 1979. (23' 51").

GOUVÊA, Álvaro de Pinheiro. A evolução da terapia ocupacional. **Psique Ciência & Vida**, São Paulo, v. 7, ed. esp., p. 24 – 29, abr. 2012.

LINKE, Paula Piva; VELHO, Ana Paula. Moda, artesanato e cultura. **Revista Multidisciplinar da UNIESP- Saber Acadêmico**, São Paulo, n. 10, p. 24-37, dez. 2010.

ORSI, Lucas Kammer. Esquecer ou Relembrar o Passado? O Museu da Loucura e as reflexões acerca do Hospital Colônia de Barbacena através dos veículos de comunicação. In: SIMPÓSIO DE PATRIMÔNIO CULTURAL DE SANTA CATARINA, 1., 2013. Florianópolis. **Anais...** Florianópolis, 2013. p. 1 – 11.

SEBRAE. **Resgate Cultural**: Estrada Real. Minas Gerais: SEBRAE/MG, 2006.

SILVEIRA, Lia Carneiro; BRAGA, Violante Augusta Batista. **Acerca do conceito de loucura e seus reflexos na assistência de saúde mental**. Revista Latino-am-Enfermagem, São Paulo, v.13, p. 591-595, jul.-ago